Artigo Original

Em Tese

EDITORIAL

Bruno Veçozzi Regasson[1]
Matheus Rodrigues dos Santos[2]
Neivânia da Silva Theodoro[3]
Editores

Prezadas leitoras e prezados leitores,

É com grande satisfação que apresentamos a nova edição da revista Em Tese, periódico científico digital vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A Em Tese, de periodicidade semestral, é organizada e coordenada por discentes do PPGSP e publica textos inéditos – artigos, ensaios, resenhas, entrevistas e traduções – de pós-graduandos(as) *stricto sensu*, mestres(as), doutores(as) e pesquisadores(as) da Sociologia, Ciência Política e áreas afins.

Durante o ano de 2019, a revista passou por transformações organizacionais e institucionais. No quadro de colaboradores, experimentou uma expansão e consolidação de seu corpo editorial, composto integralmente por editores voluntários, que permitiu imprimir maior dinamicidade nas tarefas administrativas. Também foi realizado o esforço bem sucedido de adaptação às normas mais recentes da ABNT (NBR 6023/2018) e atualização de toda a identidade visual e *layout* da revista, com o objetivo de modernizar, padronizar e profissionalizar nossas plataformas e publicações.

A revista Em Tese encarou o compromisso com a produção do conhecimento, com a publicação de trabalhos científicos de relevância para a comunidade, dentro e fora da academia. Diante disso, dois aspectos merecem destaque: o crescimento da exogenia e a alteração do *qualis* da revista. O primeiro resulta das estratégias de melhorias traçados

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da UFSC. Editor associado da revista Em Tese. E-mail: brunovregasson@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2703-023X.
[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da UFSC. Editor associado da revista Em Tese. E-mail: matheus_santosr@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5907-8932.
[3] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da UFSC. Editora associada da revista Em Tese. E-mail: neivania.theodoro@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2002-4504.

pela equipe da Em Tese, no sentido de aumentar as publicações de autores e de pareceristas profissionais/especialistas de outras instituições e países.

Em relação ao segundo, de acordo com o Ofício nº 6/2019-CGAP/DAV/CAPES, publicado em 16 de julho, responsável por aprimorar os processos de avaliação do *Qualis* Periódico, a Em Tese teve seu estrato *qualis* CAPES alterado de B4 para B3. Esse resultado é fruto de esforços contínuos de expansão e difusão do conhecimento de qualidade – mesmo em meio a cortes da Educação e conjuntura controversa para a produção de conhecimento científico.

Em junho deste ano, a Gallup Poll, uma empresa estadunidense de pesquisa de opinião, divulgou um relatório que, em escala mundial, abordou temas sobre o conhecimento, interesse e confiança da população para com a ciência, cientistas e pesquisas científicas produzidas em seus países. Foram entrevistadas mais de 140.000 pessoas de mais de 140 países. O relatório, denominado *Wellcome Global Monitor 2018*[4], indica que, no acumulado de países, 18% dos entrevistados afirmam possuir um alto nível de confiança em seus cientistas; 54% possuem um médio nível de confiança e 14% afirmam confiar pouco nos cientistas de sua localidade.

No Brasil, somente 20% dos brasileiros entrevistados afirmaram ter alto nível de confiança na ciência produzida no país, ao passo que 26% disseram confiar pouco ou nada. Ainda, 38% dos entrevistados acredita que a ciência produzida no país não os beneficia diretamente. Em relação ao conhecimento que possuem sobre a ciência, mais de dois terços dos brasileiros entrevistados responderam que sabem pouco ou nada, e somente 2% afirmam saber muito sobre o tema.

Esses dados, que revelam o baixo conhecimento do brasileiro em relação à ciência e ao conhecimento científico produzido no Brasil, entram em conflito com uma das questões que aparecem adiante na pesquisa. Quando questionados se "pessoalmente, você gostaria de saber mais sobre ciência?", 69% dos entrevistados afirmam que sim. Se analisado somente a resposta dos mais jovens, de 15 a 29 anos, essa taxa de interesse sobe para 78%.

Os dados do relatório são alarmantes, especialmente no caso brasileiro. O hiato entre os 20% de brasileiros que afirmam saber muito sobre questões científicas, de um lado, e a parcela de 69% de entrevistados que gostaria de saber mais sobre o tema, de outro, revela certa incongruência sobre nossa sociedade. Esse fenômeno de ceticismo e

[4] Disponível em: https://wellcome.ac.uk/reports/wellcome-global-monitor/2018. Acesso em: 08 ago. 2019

desconhecimento, é claro, possui uma complexa multicausalidade: os baixos índices de educação formal, os altos índices de desigualdade social e concentração de renda[5] e o cenário de crise de credibilidade generalizada que ocorre em diversas instituições do país, sejam elas de caráter acadêmico, social, midiático ou político são alguns motivadores prováveis. Mas para além desses fatores externos, o cenário apresentado convida a própria Torre de Marfim a fazer sua reflexão e sua *mea culpa*. Nesse sentido, nos parece que o momento em que vivemos exige dos cientistas brasileiros uma dupla responsabilidade.

A primeira delas, é claro, é realizar o seu trabalho com a dedicação e a ética necessárias. A produção do conhecimento científico e da análise metodologicamente fundada da sociedade é fundamental para qualquer país que busca entender a si próprio e superar suas mazelas e dificuldades. O estudo crítico das relações e dinâmicas próprias aos brasileiros é inclusive uma das maiores armas para enfrentar justamente tais tristes índices de educação e desigualdade, ou ainda para dar voz ao povo em sua complexa manifestação de descrença pelas instituições. A Em Tese reafirma seu compromisso de participar desse processo incentivando a produção e divulgação científica crítica e qualificando o debate acadêmico através da aberta discussão teórica e analítica.

Discussão essa que, impossível não ressaltar, tem como sua casa natural no Brasil a universidade pública, visto mais de 95% da produção científica no país ocorre em universidades federais ou estaduais (MOURA, 2019). A UFSC, sede dessa revista, recentemente figurou em *ranking* divulgado pelo jornal Folha de São Paulo, ocupando a 6ª posição geral entre as instituições de ensino superior do Brasil (FOLHA, 2018)[6]. E se esse é motivo de orgulho para nossa comunidade científica local, entendemos que nossa participação enquanto pesquisadores, se queremos reverter o processo de afastamento da sociedade e de descredibilização, deve ir além.

É necessário construir uma nova cultura acadêmica nas nossas universidades: uma que converse com aqueles que estão fora dos prédios dos departamentos e centros, que valorize e incentive na prática do cientista não só a produção, mas também a

[5] O relatório demonstra que o percentual de brasileiros que creem que a produção de ciência no Brasil os beneficia apresenta uma diferença de 15 pontos percentuais em relação aos 20% mais ricos e os 20% mais pobres. Enquanto no primeiro grupo a crença no benefício gerado pela ciência é de 64%, no segundo, a taxa cai para 49%.

[6] O *ranking* avalia critérios como a pesquisa, ensino, mercado, internacionalização e inovação de cada instituição. Disponível em: http://ruf.folha.uol.com.br/2018/perfil/universidade-federal-de-santa-catarina-ufsc-585.shtml. Acesso em: 09 ago. 2019.

divulgação dos resultados dos trabalhos dos profissionais da pesquisa, dos impactos diretos e positivos que o conhecimento gera na sociedade.

Essa reflexão tem tido sua parcela de debatedores e colocou em ação comunidades de diversas universidades no Brasil em atividades alocadas nos grandes atos contra os cortes da educação de 2019. Em Florianópolis, esse movimento tomou forma com o "UFSC na Praça". Duas vezes no primeiro semestre deste ano, órgãos estudantis articulados com movimentos sindicais foram às praças de Florianópolis com o objetivo de divulgar e promover as diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão que são desenvolvidas no âmbito da UFSC. Estiveram presentes docentes, estudantes e pesquisadores da universidade, representando e apresentando projetos como o Núcleo de Prática Jurídica (NPJ), Programa de Educação Tutorial (PET), Laboratório de Ecologia Aplicada (LEAp), Laboratório de Fisiologia Vegetal (LAFISIO), Instituto de Estudos de Gênero, entre outros (FLORES, 2019). Tratou-se de um louvável esforço voluntário de aproximação entre instituição e comunidade, na busca de romper o clássico insulamento das instituições de ensino superior no Brasil, responsável, em certa medida, por retroalimentar o fenômeno do ceticismo apresentado entre a população. O movimento, a essa altura autônomo de outras instituições e composto por graduandos, pós-graduandos e professores de diversos cursos, continua organizado e pretende realizar outras intervenções públicas do tipo em 2019.

Esse é um dos possíveis caminhos a serem trilhados na missão de resistir frente às dificuldades de produção e divulgação de conhecimento científico no Brasil – um que envolve a relativamente mais simples e, talvez, ainda assim, mais dispendiosa prática individual de promoção oral das atividades produzidas nas universidades entre conhecidos, amigos e familiares; no caso do UFSC na Praça, a prática individual coletivamente organizada e estendida no tempo. Mas grande parte das mudanças necessárias são de caráter institucional. Há espaço para melhoria dentro das nossas universidades que passam pela priorização de políticas de fomento à interdisciplinaridade, em projetos coordenados de diferentes departamentos com fins comuns de produção científica de impacto; maior incentivo a realização de projetos de extensão que ultrapassem os prédios dos centros das universidades; promoção de parcerias com outros órgãos de Estado, associações não governamentais e privadas, de modo a levar o conhecimento das ciências para o processo interno de diferentes instituições mais ligadas ao cotidiano do brasileiro; fortalecer os vínculos universitários para com os veículos midiáticos locais, regionais e nacionais, com foco em divulgação de resultados, temas,

núcleos de pesquisa. Enquanto pesquisadores e/ou professores de universidades públicas, é nosso dever pensar não apenas no que pesquisamos, mas nas condições que tornam nossa pesquisa viável, nas instituições onde exercemos nossa atividade profissional, suas potencialidades, suas limitações e seus espaços para melhoria.

Essas reflexões, é claro, estão longe de esgotar soluções ou sequer o problema. O desejo de iniciar a segunda edição da Em Tese de 2019 com essas palavras é dar continuidade e movimento a um debate emergencial para a classe de pesquisadores brasileira, que enfrenta um difícil cenário sob o governo de Jair Bolsonaro. Especificamente, os pesquisadores de humanidades, público e produtores dessa revista e alvos preferenciais do reacionarismo autoritário e anti-intelectual que ocupa o Executivo. É, afinal, nos sentimentos de descrença e de desconhecimento sobre o mundo acadêmico que Bolsonaro e seu Ministro da Educação, Abraham Weintraub, fundamentam seus ataques à universidade pública e às ciências humanas.

Deste modo, é inegável a importância de entidades de representação científica no âmbito das Ciências Sociais e áreas afins, a saber, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). São elas as hospedeiras mais naturais para esse debate.

Com efeito, neste ano, de 09 a 12 de Julho, a UFSC acolheu a maior reunião científica dos pesquisadores atuantes da área de Sociologia no país, o 19º Congresso Brasileiro de Sociologia[7] da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia) – uma entidade jurídica sem fins lucrativos, de periodicidade bienal. De acordo com a organização, o evento teve a participação com submissão de trabalhos de aproximadamente 3949 pesquisadores, dentre os quais 1330 são estudantes de pós-graduação de mestrado e doutorado, 813 são professores do ensino superior, profissionais, graduados e pós-doutorandos e, 787 são estudantes de graduação. Outro evento realizado na UFSC, não menos importante, foi o VI ENESEB[8] (Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica), nos dias 6, 7 e 8 de Julho. Nesse, conforme a organização, contou-se com 893 inscritos e participaram em torno de 455 profissionais do ensino de sociologia do país, com o total de 383 trabalhos apresentados. Eventos desse porte constatam a produtividade, a qualidade e a escala das Ciências Sociais no Brasil; são importantes

[7] Ver mais em: https://sbs2019.sbsociologia.com.br.
[8] Ver mais em: https://www.eneseb2019.sinteseeventos.com.br.

demonstrações da atividade contínua de pesquisadoras e pesquisadores ao redor do país e do elevado debate que esses geram.

Mesmo frente os grandes desafios, a Em Tese mantém-se atuante e propositiva em sua missão. Nesta edição apresentamos cinco artigos de fluxo contínuo, além de uma entrevista e uma resenha. São eles: (1) "Antônio Palocci e o pêndulo do partido dos trabalhadores: entre a política e o mercado", que realiza uma análise da alteração de significados sobre o mercado no discurso político dos governos Lula; (2) "Carlos Nelson Coutinho e o processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil", um estudo sobre as chaves interpretativas do intelectual Nelson Coutinho e suas reflexões sobre o caráter "conservador" do desenvolvimento do nosso capitalismo; (3) "Segurança Nacional e anticomunismo no Brasil pré-64: a ideologia de Golbery do Couto e Silva", que resgata a obra completa do general Golbery do Couto e Silva, protagonista intelectual dos militares brasileiros entre 1950 e 1980; (4) "A construção da memória positiva da ditadura no Espírito Santo (1964-1985): o papel do empresariado", outro mergulho na ditadura militar de 64, discutindo o papel ativo do empresariado de Espírito Santo na construção do imaginário sobre o governo; (5) "O debate da teoria política contemporânea sobre a "liberdade" e um esboço de crítica sociológica", um mapeamento do debate contemporâneo sobre o problema da liberdade na teoria política e uma crítica sociológica à discussão; a entrevista com Hartmut Rosa, da Universidade de Jena, Alemanha, realizada por Adan Christian de Freitas e Bruna dos Santos Bolda e, por fim, a resenha "As memórias de José Dirceu, o Maquiavel petista", texto sobre a autobiografia de José Dirceu, publicada pela Geração Editorial em 2018.

Além destes trabalhos, nesta edição disponibilizamos nossas novas normas de publicação em português, espanhol e inglês, combinando informações que já constam no nosso site[9]. A Em Tese recebe textos no sistema de fluxo contínuo e, portanto, ressaltamos o convite para que as leitoras e leitores sintam-se à vontade para enviar seu material para publicação.

O que segue é o fruto do empenho voluntário de discentes do PPGSP/UFSC e do trabalho de pareceristas ao redor do Brasil e do mundo. À eles, bem como às autoras e autores que tiveram seu trabalho publicado na presente edição, estendemos os nossos agradecimentos, e desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

Equipe revista Em Tese.

---

[9] Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/about/submissions#onlineSubmissions.

REFERÊNCIAS

FLORES, Maria Clara. UFSC na Praça aproxima população da pesquisa universitária. **Notícias da UFSC**, 2019 [online]. Disponível em: https://noticias.ufsc.br/2019/05/ufsc-na-praca-aproxima-populacao-da-ciencia-e-pesquisa-universitaria/. Acesso em: 10 ago. 2019.

FOLHA de S. Paulo. **Ranking Universitário Folha 2018**, 2018 [online]. Disponível em: http://ruf.folha.uol.com.br/2018/. Acesso em: 09 ago. 2019.

GALLUP. **Wellcome Global Monitor**: how does the world feel about science and health?, 2019 [online]. Disponível em: https://wellcome.ac.uk/reports/wellcome-global-monitor/2018. Acesso em: 08 ago. 2019.

MOURA, Mariluce. Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil. **Academia Brasileira de Ciências**, 15 abr. 2019 [online]. Disponível em: http://www.abc.org.br/2019/04/15/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/. Acesso em: 09 ago. 2019.